

# Os filhos do tablete: o poder dos *mensageiros em cartas do* *Segundo Milênio AEC*

Priscila Scoville<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS)

## **Resumo**

Durante o segundo milênio AEC diversas mensagens foram trocadas entre os reis do Antigo Oriente Próximo, em busca da manutenção da paz e do estabelecimento da diplomacia. Reflexo disso são conjuntos como as “Cartas de Mari” e as “Cartas de Amarna”. Essas correspondências, porém, não eram redigidas, entregues ou lidas diretamente pelos reis, sendo estas funções dos mensageiros. O presente artigo visa apresentar o impacto dos mensageiros nas relações formadas entre os reis próximo-orientais e o modo como isso possibilitou a formatação da região de determinada maneira. Para tanto, inicio fazendo uma breve apresentação do contexto histórico da troca de cartas e da diplomacia. Procuro, também, apresentar o papel desses funcionários e os protocolos de atuação desde a elaboração do tablete de argila até o retorno ao seu reino de origem. Com isso, espero que se compreenda a centralidade do mensageiro nas relações, apontando-o como o principal influenciador na interpretação das cartas trocadas.

## **Palavras-chave**

Antigo Oriente Próximo. Mensageiros. Cartas. Diplomacia.

---

<sup>2</sup> Doutoranda em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## **Introdução**

Em meados do terceiro milênio AEC<sup>3</sup>, vimos nascer manifestações de diplomacia na cidade de Ebla, ainda de uma forma muito tímida. Os primeiros registros desses contatos formais que conhecemos datam da época do rei Irkab-damu (c. 2300), quando as relações eram simples e restritas entre as regiões da Mesopotâmia e da Síria. Nesse momento, as transações focavam-se em formar alianças militares em tempos de guerra e em negociar metais e pedras semipreciosas de locais mais distantes (PODANY, 2010, p. 4). Na mudança do terceiro para o segundo milênio, o Oriente Próximo viu-se frente a uma relativa homogeneização cultural, resultada de um processo de “amoritização” da região, com a perda de influência de Uruk para a Babilônia. Essa homogeneidade, porém, não era unitária e possibilitava a existência de diferentes reinos (LAFONT, 1992, p. 168). Os diversos confrontos que surgiram entre cidades rivais da Síria e da Mesopotâmia evidenciaram expressões de interação diplomática cujo fim principal era o estabelecimento de um império, com alianças sendo feitas e quebradas (COHEN e WESTBROOK, 2002, p. 11).

Aos poucos, os contatos foram se padronizando com regras e costumes, tanto de escrita como de comportamento. Na primeira metade do segundo milênio, alguns territórios haviam se consolidado e coube à diplomacia o papel de manter o poder desses reinos – são eles Larsa, Babilônia, Eshnunna, Ekallatum, Mari, Yamhad e Qatna (PODANY, 2010, p. 65). É nesse contexto que temos a Era de Mari (c. 2000 – 1595) – período que leva o nome da cidade onde foi encontrado um grande conjunto de correspondências trocadas entre reis. Tal conjunto de cartas revela-nos que, apesar da tentativa de manutenção da paz, garantir o poder dos reinos maiores também implicava em diversos embates. Para Podany (2010, p. 89), nessa época a diplomacia era utilizada como uma ferramenta de guerra, não como uma alternativa a ela.

O relacionamento de Hammurabi (c. 1792 – 1750), rei da Babilônia, com Zimri-Lim (c. 1775 - 1761), rei de Mari, ilustra essa dinâmica da diplomacia. Os dois foram aliados em diferentes ocasiões para derrotar inimigos em comum, mas a relação era frágil, culminando em um conflito de interesses (VAN DE MIEROOP, 2005, p. 64).

---

<sup>3</sup> Todas as datas citadas neste trabalho são AEC – Antes da Era Comum.

Cartas atestam a preocupação crescente entre os reis, como no pedido que Zimri-Lim faz para sua esposa:

Pergunte aos oráculos sobre Hammurabi da Babilônia. Este homem nunca vai morrer? Ele fala honestamente conosco? Ele vai declarar guerra? Ele vai começar um cerco quando eu for em campanha para o norte? Pergunte sobre este homem. Quando você terminar de perguntar, repita e escreva-me todas as respostas de suas perguntas (SCOVILLE, 2017, p. 53).

Zimri-Lim estava certo em ter receio: eventualmente, Hammurabi atacou e derrotou Mari. Isso nos ajuda a entender que os acordos não eram fixos e, por isso, precisavam ser constantemente reafirmados. Lafont (1992, p. 176) nos dá outro exemplo referente a Hammurabi e Zimri-Lim, no que diz a esse respeito: em uma primeira audiência, Hammurabi declarou-se contente com a mensagem enviada por Zimri-Lim a ele, mas, no segundo dia, o rei reclamou sobre impedimentos que Mari estaria criando e que dificultavam a relação.

Era papel dos mensageiros contornar esses desentendimentos e conduzir um acordo satisfatório – o que por si só já nos revela a importância desses funcionários na diplomacia próximo-oriental. Assim, este trabalho propõe uma reflexão sobre a relevância dos mensageiros na efetivação da diplomacia no segundo milênio, tanto na Era de Mari, como na de Amarna (c. 1400-1300), que herdou a formatação do período anterior e expandiu-se para além da Mesopotâmia e da Síria, atingindo a Anatólia, o Egito e o Egeu.

Figura 1: Mapa do Antigo Oriente Próximo, c. 2000 – 1500 AEC.



Fonte: PODANY, Amanda H. **Brotherhood of Kings**. How international relations shaped the Ancient Near East. Nova York: Oxford University Press, 2010, p. 66.

## As cartas e os mensageiros

Ao estudar a diplomacia no Antigo Oriente Próximo é preciso levar em consideração que, mais do que simples “carteiros”, os mensageiros eram uma peça fundamental durante todo o processo das tratativas. O termo utilizado para os designar, com raras exceções, era *mār šiprim*, que, apesar de ser comumente traduzido como mensageiro, em seu sentido literal significa “filho do tablete” (LAFONT, 1992, p 169). O termo era, na verdade, um título conferido somente para pessoas de alta confiança, pois exigia muita responsabilidade e lealdade. O *mār šiprim* era o funcionário encarregado de uma missão e agia em todos os aspectos referentes a ela – ele era um mensageiro, mas também era um negociante, um diplomata, um embaixador e um ministro plenipotenciário agindo em nome do seu rei. Ele deveria cuidar de todo o processo de uma missão que lhe foi designada, desde seu preparativo até sua conclusão, com a reportagem do que aconteceu durante a sua ausência.

Existem duas características fundamentais associadas aos mensageiros: confiança e agilidade. Confiança reflete o seu dever em cumprir uma missão de acordo com o esperado. Essa qualidade deveria ser reconhecida tanto pelo rei que enviava como pelo que receberia. Por isso, é possível encontrar cartas que colocam o mensageiro em evidência: “Mane, {seu} emissário, está muito bem: não existe nenhum outro [ho]mem como (ele) em todas as terras”, ou

E meu irmão mande Mane para que ele possa viajar com meu envio. Que meu irmão não envie outro emissário, que ele mande apenas Mane. Se meu irmão não enviar Mane e mandar um outro, eu não o quero, e meu irmão deve saber isso! Não, que meu irmão apenas envie Mane” (Trechos da carta EA24 II e IV. SCOVILLE, 2017, p. 183-192)<sup>4</sup>.

A agilidade, por sua vez, pode ser entendida com dois aspectos. O primeiro se refere à missão, que deve ser concluída o mais breve possível. O segundo refere-se à rapidez com que se escreve a mensagem. O mundo próximo-oriental possuía uma cultura oral, sendo as cartas apenas uma forma de validar e garantir que o acordo oral se cumprisse tal como foi estabelecido. Assim, as cartas eram escritas durante a fala do rei, sendo redigidas suas exatas palavras. Essa cultura oral e a necessidade de assegurar as

---

<sup>4</sup> Todas as cartas do conjunto de Amarna, indicadas pela sigla EA, estão transliteradas e traduzidas em inglês na obra de RAINEY (2015). As cartas em português citadas aqui são algumas das selecionadas e traduzidas por SCOVILLE (2017), com base nos textos de Rainey e Moran (1992).

negociações podem ser o motivo pelo qual as cartas sempre retomam o que foi dito nas cartas anteriores, por exemplo. O texto era, então, escrito pelos mensageiros, de acordo com o que estava sendo dito, enquanto era dito. Entretanto, eles ainda precisavam respeitar alguns padrões que deveriam ser seguidos.

As correspondências iniciavam-se com uma fórmula que apresentava o remetente e o destinatário: “Para o meu senhor (Yasmah-Addu), fale! Seu servo Ashqudum (diz) [...]” (Trecho da carta ARM XXVI/85. HEIMPEL, 2003, p. 210. Tradução própria<sup>5</sup>); ou “Diga para Nimmure‘a, o grande rei, o rei da terra do Egito, meu irmão, meu genro, quem eu amo e que me ama; assim (disse) Tushratta, o grande rei, o rei da terra de Mitani, seu irmão, seu sogro e alguém que te ama [...]” (Trecho da carta EA21. SCOVILLE, 2017, p. 180). O primeiro exemplo foi retirado de uma carta da Era de Mari e o segundo de uma da Era de Amarna. Correspondências de ambos os períodos apontam-nos a oralidade das negociações pelo uso dos termos “(diga) para” e “(assim) diz”. O mensageiro deveria ler a carta para o rei ao qual ela se destina e este “ouve o tablete” (LAFONT, 1992, p. 175).

Além das formas de endereçamento, existiam convenções para a língua utilizada nas cartas, que deveria ser o acadiano (ainda que este se moldasse aos dialetos locais), e ao formato do tablete. Documentos administrativos, entre os quais estão as cartas diplomáticas, deveriam ser retangulares e de fácil manuseio, normalmente cabendo na palma de uma mão e não sendo muito pesados (FINKEL; TAYLOR, 2015, p. 78). A própria argila utilizada para a confecção do tablete tinha uma qualidade variável de acordo com sua finalidade (FINKEL; TAYLOR, 2015, p. 76). Por fim, com a argila ainda úmida iniciava-se o processo de escrita dos tabletas.

Nos dois conjuntos de cartas (de Mari e de Amarna)<sup>6</sup>, podemos encontrar outras semelhanças estruturais em relação à forma de endereçamento entre alguns grupos receptores. Existem aqueles que são tratados como servos e aqueles que são tidos como irmãos (ainda que os seus nomes variem de um período para outro). Isso acontece porque o Antigo Oriente Próximo, durante o segundo milênio, organizou-se em um sistema de casas, no qual os reinos mais influentes eram tidos como irmãos e

---

<sup>5</sup> Original de Heimpel: “To my lord (Yasmah-Addu) speak! Your servant Asqudum (says), “According to the instruction of my lord [...]”.

<sup>6</sup> O conjunto de Mari é bastante extenso e conta com um número estimado de 4 mil cartas diplomáticas entre mais de 20 mil tabletas (ar, 2003, p. 4-6). As cartas de Amarna, por sua vez, são 350 correspondências diplomáticas, em um total de 382 tabletas (MORAN, 1992, p. xv).

precisavam se tratar em termos igualitários<sup>7</sup>, enquanto os demais reinos deveriam responder a alguma dessas potências. Isso ficou mais expressivo durante a Era de Amarna, quando o sistema estava melhor estabelecido e mais desenvolvido. Entretanto, ainda pode ser notado nas cartas de Mari, não somente pelo uso do termo “irmão”, mas pela ideia de reciprocidade que já circulava e estava refletida nos protocolos de relação entre o mensageiro e o rei ao qual ele se dirige. Assim, a missão do mensageiro não era somente a entrega da correspondência e a condução da negociação, mas ele deveria estar atento a toda sua recepção.

### **A missão**

O trabalho do mensageiro começava com a preparação e escrita da carta, mas esse não era o único passo a ser feito antes de sua partida. Era necessário que ele organizasse a caravana que o acompanharia. Apesar dos textos nas cartas darem a impressão de que o mensageiro viaja sozinho, ele era acompanhado por grandes grupos, em especial tropas armadas, sendo comum que mensageiros saíssem com caravanas militares e/ou comerciais (LAFONT, 1992, p. 170-172). O acompanhamento militar era prezado, pois era possível encontrar perigos no caminho como saques ou assassinatos – existem relatos de mensageiros que foram interceptados e outros que nunca chegaram ao seu destino<sup>8</sup>.

As expedições poderiam acontecer a pé, de barco, de carroça ou a cavalos, portando tudo que fosse necessário durante a viagem. Um item que não poderia ser esquecido é um tablete, no formato de “passaporte diplomático”, contendo as informações sobre a caravana, seus itens, sua origem e seu destino. Esse tablete era preciso para cruzar reinos no caminho sem que houvesse prejuízo ao mensageiro. Durante a Era de Mari, eles tinham uma estrutura fixa. Eram cinco linhas organizadas na seguinte ordem: 1) nome do mensageiro; 2) seu título e o nome de seu rei; 3) ponto de partida; 4) descrição da escolta e 5) local de destino (LAFONT, 1992, p. 172-173). No conjunto de Amarna, a estrutura não era tão fixa, mas ainda deixava clara a natureza do tablete, como podemos ver na carta EA30, por exemplo:

Para os reis de Cana[ã], os servos de meu irmão, assim (diz) o rei: Agora, quanto a Akiya, meu emissário, eu o despachei com pressa com toda a velocidade para o rei da terra do Egito, meu irmão. Não deixe que ninguém o

<sup>7</sup> Na Era de Mari os reinos são Larsa, Babilônia, Eshnunna, Ekallatum, Mari, Yamhad e Qatna. Na Era de Amarna são Assíria, Babilônia, Egito, Hatti e Mitani.

<sup>8</sup> Um exemplo disso é a carta EA8, do conjunto de Amarna, em que Burnaburiash II afirma que seus mensageiros foram atacados em Canaã e pede para Akhenaton tomar as providências.

detenha. Providencie a ele entrada segura para a terra do Egito e o entregue para o comandante da fortaleza da terra do Egito. Deixe ele ir rapidamente. E não deixe haver sub<ornos> exigidos dele (SCOVILLE, 2017, p. 213-214).

Uma vez que se chegasse ao destino, o mensageiro seria hospedado em uma casa exterior ao palácio. As negociações não aconteciam de imediato e a primeira providência a ser tomada era a solicitação de audiência com o rei. Esse pedido era feito ao *sukkal*, uma espécie de porteiro do palácio real, que decidiria se aceitaria ou não a entrada do mensageiro. Lafont (1992, p. 174-175) cita um caso em que elamitas não foram autorizados a entrar no palácio de Hammurabi e precisaram retornar sem entregar sua mensagem. Outro caso de recusa, mais drástico, é relatado na mesma carta (ARM XXVI/2 70<sup>9</sup>) e também acontece na Babilônia, quando mensageiros de Eshnunna foram presos em sua chegada. Esses exemplos servem para apontar que não havia uma noção de imunidade diplomática e, por isso, é possível encontrar relatos de mensageiros que foram detidos, desviados, maltratados ou presos. O caso de Elam é particularmente interessante, uma vez que os elamitas eram os principais inimigos da Babilônia, nesse momento, e ainda assim haviam mensageiros chegando na capital mesopotâmica.

Os mensageiros que eram aceitos pelo *sukkal* seriam recebidos pelo rei, com saudações habituais (*šulmum*), durante uma refeição. Provavelmente este era o primeiro momento de entrega de presentes de homenagem (*tâmartum*), oferecidos ao rei anfitrião. A leitura da carta acontecia durante a primeira audiência, mas as negociações demandavam vários dias. É importante notar que as audiências não eram privadas, com raras exceções. Todos os mensageiros que estivessem requisitando audiência com o rei seriam recebidos ao mesmo tempo e, portanto, o texto escrito era ouvido por todos os presentes que, por sua vez, eram incentivados a participar e opinar sobre os assuntos, independentemente de sua origem e afinidade com o rei remetente (LAFONT, 1992, p. 176). Isso significa que os mensageiros deveriam saber atuar em momentos de conflito, bem como argumentar em favor de seu rei. O trabalho do mensageiro deveria ser certo para persuadir o destinatário da mensagem e completar sua missão com sucesso, mesmo em situações adversas. Um caso bem-sucedido da ação dos mensageiros está relatado na carta EA7, de Burnaburiash II para Akhenaton:

Desde o dia que o emissário de meu irmão ch[egou a mim], meu corpo esteve mal e seu emissário em nenhuma [ocasião em] minha presença comeu comida ou bebeu {álcool}. [Quan]do você perguntar ao seu emissário, ele irá o dizer. Em respeito {de} [minha] re[cuperação], eu não estou [ainda]

<sup>9</sup> A tradução em inglês dessa carta está disponível na obra de Heimpel (2003, p. 324).



completamente re[staurado em saúde]. [E] quando meu [c]orpo estava mal e meu irmão [não expressou preocupação] por [mim], eu (próprio) estive cheio de raiva, dizendo “Que eu estou doente, meu irmão não ou[viu]? Por que ele não mostrou preo[cupação] por mim? Seu emissário, por que ele não enviou para v[er a minha situação]?”. O emissário de meu irmão disse isso para mim, di[zen]do: “Este não é um território próximo que seu irmão ouviria e ele mandaria saudações para você. A terra é muito distante. Para seu irmão, quem iria o dizer que ele deveria mandar uma saudação urgente para você? Se seu irmão tivesse ouvido que você está doente, ele não enviaria seu emissário para você?”. Então eu disse para ele, dizendo, “Meu irmão, o grande rei, tem uma terra distante ou próxima?”. Ele disse para mim assim, dizendo “pergunte ao seu emissário. Pois a terra é muito distante e seu irmão não ouviu sobre você, (assim) ele não mandou preocupação sobre seu [bem]-estar”. Agora, uma vez que eu perguntei {para} seu emissário e ele me disse que é uma longa jornada, eu não estava bravo com meu irmão. Eu mantive silêncio. E visto que ele me disse {que} na terra de meu irmão tem tudo e meu irmão não quer nada e na minha terra tudo é encontrado e eu mesmo busco por nada, é uma bela coisa que nós recebemos do passado, das mãos dos antigos reis; nós manda[mos] saudações mútuas. Que essa seja a coisa que prevaleça entre nós. Minhas [sa]udações [eu vou enviar] para você [e você vai enviar as suas saudações para mim] (SCOVILLE, 2017, p. 92).

Esse trecho revela diversos aspectos das relações e da ação dos mensageiros. Em primeiro lugar, podemos exaltar a agilidade de resposta, o argumento e a efetividade do mensageiro egípcio em convencer o rei babilônico de que o faraó não estava menosprezando a relação entre eles. Pelo contrário, Burnaburiash II ainda se preocupou em explicar que a retenção do mensageiro egípcio e a ausência do rei durante os banquetes deveu-se pelo seu problema de saúde e que o faraó não deveria ficar ofendido com isso. O mensageiro conseguiu reverter a situação e alterar o humor do rei babilônico, sem prejuízo para a relação previamente estabelecida.

Um segundo apontamento que pode-se fazer sobre essa carta se refere aos banquetes. Desculpar-se por não ter comido ou bebido junto ao mensageiro não é um simples ato de educação. Ao final das negociações, era parte do protocolo oferecer um banquete em que os funcionários estrangeiros se juntariam ao rei para uma celebração. (LAFONT, 1992, p. 177-181). Apenas os mais altos dignitários poderiam sentar-se na mesa do rei, tais como eram os mensageiros. Durante a festividade eram evocados os acordos e acontecia um segundo momento de troca de presentes, respeitando os princípios de dom e contradom da reciprocidade, como mencionado acima.

Os banquetes em homenagem à ocasião serviam para manifestar a intensidade das relações estabelecidas. Além disso, segundo Holmes (1975, p. 377), mais do que causar uma boa impressão, os banquetes também serviam como uma forma sutil do próprio rei interrogar os mensageiros. Por outro lado, o mensageiro precisava



atentar-se aos modos como era recebido, uma vez que essa era uma forma de interpretar o apresso de um rei pelo outro:

Assim, as negociações e toda a política externa (mesmo que de forma indireta) deveria passar pelos mensageiros, tanto no processo como na execução dos acordos. Eram as impressões deles que seriam passadas para os governantes, portanto, os mensageiros se tornam uma espécie de conselheiros que advertiam o rei sob os aspectos diplomáticos, tendo, também, certa influência nas cortes estrangeiras, por serem de confiança do que o recebia. (SCOVILLE, 2017, p. 93).

O olhar do mensageiro era, então, uma referência importante para os reis sobre como agir em determinadas ocasiões. A carta EA15, por exemplo, deixa essa posição bastante clara, ao pedir para que Akhenaton deixe o mensageiro assírio conhecer as terras e o próprio faraó, para que, assim, Ashur-uballit (rei da Assíria) pudesse decidir sobre suas intenções de negociar com o Egito ou não.

Além da entrega da mensagem, da argumentação e da análise de sua estada, o mensageiro assumia o papel do rei, sendo responsável por estabelecer casamentos diplomáticos e acordos comerciais. Os fatores econômicos envolvidos nas negociações eram evidentes por meio das transações de presentes, requisições de materiais específicos e pelo uso ocasional de termos relacionados ao comércio para designar os mensageiros (HOLMES, 1975, p. 379-380).

Mesmo com o fim das negociações, a missão do mensageiro ainda não estava terminada. Seu retorno dependia da autorização do rei anfitrião, que providenciaria tudo o que fosse necessário para o caminho de volta e anunciaria um *âlik idim*. O *âlik idim* era uma pessoa escolhida pelo rei para acompanhar a caravana de retorno, sendo alguém que estaria consciente de toda a negociação realizada em seu território e garantiria uma boa resolução da missão. Este funcionário também servia para assegurar a veracidade do que foi estabelecido e poderia transitar entre missões (LAFONT, 1992, p. 181-182). A necessidade de autorização do rei para o retorno do anfitrião fica expressa na carta EA28:

Pirissi e Tulubri, [m]eus emissários, eu enviei com grande pressa para meu irmão e eu os disse para realmente se apressarem. E quanto a eles, eu os enviei com uma escolta muito pequena. E anteriormente eu enviei essa mensagem ao meu irmão: “Mane, o emissário de [meu irmão], eu estou detendo até [meu] irmão libertar meu emissário e ele vier para mim”. E agora meu irmão se recusou a liberá-los e os pôs sob uma detenção muito estrita! O que são emissários? Eles não são pássaros que deveriam voar e voltar! Meu irmão, por que ele sofre tanto por causa dos emissários? Por que não pode um [segura]mente ir diretamente ao outro e cada um ouvir as saudações [do ou]tro [para então] nós podermos regozijar extremamente todos os dias? (SCOVILLE, 2017, p. 201-202).

Esta carta foi enviada por Tushratta, rei de Mitani, para Akhenaton, e reflete a ideia de retenção de mensageiros. Tushratta afirma que Mane, mensageiro egípcio, não seria autorizado a voltar para o Egito até que Pirissi e Tulibri, mensageiros mitânicos, pudessem retornar para Mitani. A analogia com pássaros aponta um desejo de liberdade para ir e vir, prezando pela agilidade – sobre a qual foi comentado anteriormente – o que era importante para uma maior circulação de bens. No caso das relações com o Egito isso é mais evidente, uma vez que a região estava relativamente isolada e não sofria com ataques diretos de seus vizinhos, como era o caso de regiões da Síria e da Mesopotâmia. Consequentemente, as relações diplomáticas com o Egito assumiriam um caráter mais comercial do que militar (HOLMES, 1975, p. 380).

### **Reflexões finais**

Antes de tudo, o mensageiro era o portador de tabletes, mas isso implicava em uma condição muito maior do que a que a expressão sugere. Em uma região dinâmica como o Antigo Oriente Próximo, a diplomacia precisou assumir moldes itinerantes e, por isso, o mensageiro teve um papel fundamental na organização desse espaço: por representar seu reino com certa autonomia, o mensageiro era o centro dos contatos estabelecidos. As responsabilidades referentes à missão que ele deveria cumprir, diziam respeito a uma atividade diplomática proposta por um rei, mas a postura e capacidade de ação que o mensageiro possuía teriam reflexos diretos no desenrolar das negociações. Toda a estrutura de interação dependia dele e era diretamente impactada por ele e por suas impressões. Isso fica mais expressivo se considerarmos que os reis não viajavam e, em muitos casos, eram iletrados. As formas como as tratativas e os acordos se firmaram passavam pelo filtro do mensageiro, bem como a qualidade de sua estada no exterior. Mais do que isso, se o mensageiro informasse que, de acordo com sua vivência, o reino que o recebeu não aparentava oferecer muitos benefícios, os reis poderiam romper com as relações, conforme exemplificado na carta EA15, citada anteriormente, que aponta essa importância do julgamento feito pelos mensageiros sobre o local. Para o bem ou para o mal, foi graças à ação desses funcionários que o mundo próximo-oriental se moldou da forma como a História nos conta.

## Referências

COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds). **Amarna Diplomacy**. The beginnings of international relations. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002.

FINKEL, Irving; TAYLOR, Jonathan. **Cuneiform**. Londres: The British Museum Press, 2015.

HEIMPEL, Wolfgang. **Letters to the King of Mari**. Winona Lake, Indiana: Einsenbrauns, 2003.

HOLMES, Y. Lynn. The Messenger of the Amarna Letters. **Journal of the American Oriental Society (JAOS)**, v. 95, n. 3, julho – setembro, 1975.

LAFONT, Bertrand. Messagers et Ambassadeurs dans les archives de Mari. In: CHARPIN, D.; JOANNÈS, F. **La circulation des biens, des personnes et des idées dans le Proche-Orient ancien**. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations, 1992, pp. 167-184.

MORAN, William. **The Amarna Letters**. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1992.

PODANY, Amanda H. **Brotherhood of Kings**. How international relations shaped the Ancient Near East. Nova York: Oxford University Press, 2010.

RAINEY, Anson F. **The el-Amarna Correspondence**. Leiden: Brill, 2 vol., 2015.

SCOVILLE, P. **Queremos nos amar como irmãos: uma análise historiográfica das cartas de Amarna e das relações entre Egito e Mitani entre c. 1390 – 1336 AEC**, 2017, 237f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná., Curitiba, 2017.

VAN DE MIEROOP, Marc. **King Hammurabi of Babylon: A Biography**. Oxford: Blackwell, 2005.

## THE TABLET'S SONS: THE POWER OF THE MESSENGERS IN LETTERS FROM THE SECOND MILLENNIUM BCE

### **Abstract**

During the second millennium B.C.E. many messages were exchanged between kings of the Ancient Near East. Their goal was to maintain peace and establish diplomacy. It is reflected by groups of letters such as the Mari and the Amarna ones. However, these letters were not written, delivered or read directly by the kings, but by the messengers. This paper aims to shed light on the impact of the messengers in the relationship between the near eastern kings and how this impact shaped the region in a certain way. For doing that, I begin this paper with a brief introduction of the historical context of letter exchanging and of diplomacy. I also intent to present the role of these officials and acting protocols, from preparing the tablet to the returning home after a mission abroad. With these aspects I hope that it will be possible to understand the central importance of the messengers in the relations, as they were the greatest influencers on the letters' interpretation.

### **Keywords**

Ancient Near East. Messengers. Letters. Diplomacy.

---

Recebido em: 07/12/2018  
Aprovado em: 16/05/2019